
“PROSTITUIÇÃO SAGRADA” E A PROSTITUTA COMO OBJETO PREFERENCIAL DE CONVERSÃO DOS “CRENTES”

Natânia Lopes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro
Rio de Janeiro – Brasil

Deus nos ama e está interessado em nosso comportamento sexual.
Beverly LaHaye (1981)

Introdução

A fim de cumprir a proposta deste artigo, de sinalizar a heterogeneidade da composição moral da “prostituição” no imaginário social, traremos à baila duas formas de se tratar o sexo prostituído, distantes uma da outra em termos de contextos históricos. A primeira, que, pela própria especificidade do objeto, sondamos através de uma discussão de fontes de caráter mais histórico, diz respeito à instituição arcaica da “prostituição sagrada”, nos cultos pagãos de fertilidade. A segunda, a um certo lugar típico que ocupa a prostituta (ou a ex-prostituta) em determinados contextos evangélicos contemporâneos, esboçado a partir de entrevistas, de uma história de vida e outros dados e bibliografia de cunho eminentemente etnográfico. O contraste entre essas formas (de um lado) e a noção estigmatizada de prostituição (de outro) mostramos como a genealogia da moral que circunda a prostituição pode ser complexa.

A “prostituição sagrada” não é consenso entre os pesquisadores da Antiguidade; alguns preferem chamar essa prática de sexo ritualístico, uma vez que o termo “prostituição” vem carregado de valores modernos ocidentais. Para nós importa aqui

que exista este entendimento de “prostituição sagrada”, ainda que como um mito, porque nos interessamos pelo imaginário em torno do fenômeno da prostituição, o que comporta sua filiação histórica, ainda que essa filiação seja uma construção/interpretação (Jenkins 2004).

Ao lado desse modelo, voltamos nosso olhar para uma categoria observada no campo evangélico pentecostal de “ex-prostituta”, como categoria que agrega determinado capital simbólico a essa crente convertida. Pesquisadores da conversão ao (neo)pentecostalismo já apontaram este processo tão especial de atribuição de valor a experiências de vida malditas a partir de sua ressignificação e reposicionamento na biografia dos sujeitos (Cortês 2014, Machado 2014, Teixeira 2011, Cunha 2008, 2015 trazem aspectos específicos do referido processo).

A “ex-prostituta” é entendida não apenas como a mulher convertida (ou em processo de conversão) que trocava sexo por dinheiro, mas como toda mulher que tivesse muitos parceiros. A igreja evangélica pentecostal comprova como não é bom estar do “outro lado”. Atribui valor, contudo, a esta história de vida após a “posse de palavra” (Mafera 2002). Faz uma espécie de “discriminação positiva”, revestindo de sentidos positivos dentro da cosmologia religiosa o abandono de uma prática considerada a princípio como abominável.

A fim de enriquecer esta perspectiva sobre as formas religiosas e morais de se conceber o fenômeno da prostituição (o que delicadamente desliza sobre a identidade de prostituta), podemos recorrer a referências bíblicas do Antigo Testamento. Em Deuteronômio 23:17-18, por exemplo, a prostituta é chamada de “abominação ao Senhor”. E está escrito que “não haverá prostitutas entre as filhas de Israel”. As religiões de matriz (neo)pentecostal, que se respaldariam nesses ensinamentos, outorgam à prostituta convertida, em processo de conversão, ou mesmo àquela que pode ser objeto de conversão, um lugar bastante diverso desse, conforme inferimos etnograficamente (e a discrepância será resolvida pelos exegetas evangélicos apoiando-se em outras passagens do Novo Testamento da Bíblia cristã).

Assim como em Gênesis, em Ezequiel 16:32-34 a prostituição aparece como sinônimo de promiscuidade feminina, tal qual é apropriado pelas igrejas evangélicas estudadas¹. Os versículos que se seguem merecem citação:

Portanto, ó meretriz, ouve a palavra do Senhor.

Assim diz o Senhor Deus: Porquanto se derramou o teu dinheiro, e se descobriu a tua nudez nas tuas prostituições com os teus amantes, como também com todos os ídolos das tuas abominações, e do sangue de teus filhos que lhes deste;

Portanto, eis que ajuntarei a todos os teus amantes, com os quais te delectaste, como também a todos os que amastes, com todos os que odiares, e ajuntá-los-ei contra ti em redor, e descobrirei a tua nudez diante deles, para que vejam toda a tua nudez.

E julgar-te-ei como são julgadas as adúlteras e as que derramam sangue; e entregar-te-ei ao sangue de furor e de ciúme.

E entregar-te-ei nas mãos deles; e eles derrubarão a tua abóbada, e transtornarão os teus altos lugares, e te despirão os teus vestidos, e tomarão as tuas joias de enfeite, e te deixarão nua e descoberta.

Então farão subir contra ti uma multidão, e te apedrejarão, e te traspasarão com as suas espadas.

E queimarão as tuas casas a fogo, e executarão juízos contra ti aos olhos de muitas mulheres; e te farei cessar de ser meretriz, e paga não darás mais.

Assim satisfarei em ti o meu furor, e os meus ciúmes se desviarão de ti, e me aquietarei, e nunca mais me indignarei (Ezequiel 16:35-42).

A meretriz seria capaz de despertar a ira e os ciúmes do Deus Pai cristão, porque na exegese que comumente se faz do texto bíblico, apoiada, sobretudo, no Novo Testamento, o corpo é entendido como templo do Espírito Santo e, por isso, deve ser guardado. Pelo desrespeito a este pacto com Deus, a meretriz seria duramente perseguida até o século XVIII em Estados ocidentais cristãos. Faramerz Dabhoiwala (2013:418), professor de História do Exeter College, de Oxford, coloca que:

A visão protestante convencional anterior era que as prostitutas comuns eram as piores entre os réprobos sexuais. Elas recebiam as punições mais severas: açoitamento sumário, prisão e trabalhos forçados. Durante a década de 1650, quando o Ato Contra o Adultério as tornou sujeitas à execução, centenas foram simplesmente detidas, separadas à força de seus amigos e parentes, e transportadas por milhares de milhas, cruzando o oceano até as Índias Ocidentais, sem nem mesmo um julgamento. Toda cultura da disciplina sexual dependia dessa severidade. Pois a terrível ameaça que as prostitutas lascivas e cobiçosas representavam para a sociedade estava abundantemente ilustrada na Bíblia, e profundamente gravada na mente dos homens e mulheres comuns. As prostitutas não tinham uma licença especial, nenhuma função necessária: muito pelo contrário. Qualquer mulher incasta era uma prostituta; a promiscuidade reiterada apenas aprofundava seu pecado e sua monstruosidade.

O autor mostra-nos a gestação da filantropia em torno da prostituição, a partir do século XVIII. Situa o surgimento da assistência às meretrizes numa doutrina católica medieval. “Na Igreja pré-Reforma, o culto de Maria Madalena tinha sido imensamente popular, e na Inglaterra Protestante sua história continuou viva como parábola poderosa do fracasso e da redenção moral” (Dabhoiwala 2013:420).

Assim se desenvolveria a ideologia do “mal necessário”, como um produto do avanço da liberdade sexual para os homens, ao lado da insatisfação com as penas e

a leitura religiosa do fenômeno da prostituição, segundo a qual as penitentes mereciam assistência. Importa para nós aqui como a prostituição vai mudando de figura aos olhos de segmentos sociais específicos, nas sociedades em que se manifesta, bem como os revestimentos e refúgios morais que vai encontrando, ao subsistir.

O imaginário em torno da prostituição é múltiplo. Da mesma maneira, também são múltiplos os juízos morais que o acompanham. Cultuada, perseguida, redimida de seus pecados, a prostituta se torna alguém não trivial, permeada pelo exotismo e pela sacralidade do tabu sexual que a engloba.

Ser (ex)Putá em Templos de Hoje e a ideia de “salvação”

Entrevistei² para este artigo uma ex-prostituta convertida à Assembleia de Deus que me contou a história de sua conversão. Vou chamá-la aqui simplesmente de “Irmã”. Uma mulher de 59 anos, branca, nascida no município de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, mas criada numa pequena cidade de Minas Gerais. Passou a se prostituir quando tinha 20 anos de idade e o fez durante três ou quatro anos, nessa cidade de Minas. Trabalhava no cabaré de sua mãe adotiva, a quem a mãe biológica lhe dera para adoção, antes mesmo de ela nascer.

Sua mãe biológica fora abandonada pelo pai, que foi embora com outra mulher a quem também logo engravidou. Então a mulher abandonada rejeitou a filha que carregava em seu ventre. Queria abortá-la, mas a gravidez já estava avançada. Caía com a barriga no chão para tentar matá-la. Foi quando essa outra, dona de muitos cabarés, pediu que não fizesse mais isso, que ela cuidaria da menina, quando nascesse.

Foi criada na casa de prostituição de sua mãe adotiva, onde morava com outras garotas que se prostituíam. Sua mãe adotiva também se prostituía. Até que a Irmã se casou com um cliente, seu segundo marido, que a tirou do bordel, mas “jogava na sua cara” que a tinha “salvado dessa vida” e batia nela, conforme Irmã me contou com uma expressão um tanto ressentida das violências. Com ele, ficou 25 anos e teve dois filhos.

Conta que vivia uma vida de vícios e de dores. Ia suicidar-se, quando teve contato com uma missionária da Assembleia que lhe disse que Jesus a queria muito bem. Ao que ela teria respondido que “Jesus não quer prostituta, não”. A missionária retrucou que “Ele quer sim”, que “Ele veio para libertar”.

As suas filhas entraram para a igreja depois de sua conversão também. Assim como as duas mães. “Jesus me transformou”. “Eu era barrada na porta dos bailes, dos lugares mais finos. O povo não me aceitava aonde eu ia. Passaram a me aceitar só depois da conversão”.

Toda sua fala era estruturada pelo que havia mudado na sua vida depois da conversão. Descrevia-se como uma mulher que, antes, brigava, discutia, quebrava coisas, fazia competições de quem bebia mais bebidas alcoólicas, com homens no cabaré, havendo certa vez “quebrado a cabeça de um homem” com quem discutiu num

bar, com um copo. Dizia que a vida de prostituta era muito ruim, ficava com quem não amava, com quem não queria.

Esse passado aparece em contraste com um tempo, continuado no presente, em que as bênçãos de Deus se manifestam na sua vida. Em contraste com o passado de drogas e álcool e prostituição, de não ser benquista nos lugares onde ia, figura um presente em que a família passa a se converter também e ela ajuda a montar a casa dos filhos e mobiliar a casa da neta. Porque o dinheiro do trabalho como empregada doméstica – função que desempenha hoje – é um dinheiro honesto, justo, resultado do suor de um trabalho aceito socialmente como profissão. O dinheiro ganho com a prostituição, por sua vez, “é um dinheiro amaldiçoado”. “Os homens tiram da boca das crianças pra gastar em bebida com as prostitutas”.

Sua palavra passa a ter valor depois da conversão, sua vida torna-se testemunho da bênção de Deus, de “como Deus age” na vida das pessoas. Contou-me que só começou a falar para os filhos que tinha sido prostituta depois que entrou para a igreja, depois que tomou “posse da palavra”. Segundo Mafra (2002), o crente convertido assume a posse da palavra através do ato performativo de aceitar Jesus, na igreja.

Se no passado ela era constrangida a não entrar em determinados lugares, por morar em casa de prostituição numa cidade pequena, onde todos se conheciam, agora as pessoas glorificavam o nome de Deus quando ouviam seu testemunho nas igrejas. As pessoas próximas convertem-se, e há prosperidade material. “Quando Deus faz obra, ele faz totalmente”. Por isso a Irmã deixou de beber, de usar drogas, de se prostituir, de usar roupas curtas, de usar joias e bijuterias.

Hoje em dia ela dá esse testemunho nas igrejas que vai. “Às vezes tem alguém na plateia que precisa ouvir aquilo”. “Você vai falando, o outro vai se transformando”. Contou que pessoas já se converteram por causa do seu testemunho. Na verdade, o que fez nesta entrevista foi ouvir o testemunho da Irmã.

Disse-me ainda que as pessoas não entram para a igreja por causa das restrições ao comportamento que ser um fiel implica. Mas que, na realidade, o Espírito de Deus vai trabalhando aos poucos. A igreja não proibiria nada, nem a Irmã se sentiu alguma vez constrangida pelos demais crentes a se comportar de determinada maneira. Como exemplo, citou as roupas que usava antes da completa conversão. Disse que usava roupas tão indecentes que um homem uma vez ameaçou tirá-la do trem em que viajava por causa de sua roupa, caso ela não vestisse uma roupa por cima das que usava. Quando entrou para a igreja, conservava seus hábitos antigos ainda, usava as tais roupas indecentes, bebia, usava suas joias e bijuterias. Até que começou a sentir vergonha das suas roupas, vendo como as outras mulheres da igreja se vestiam. Confessou à missionária responsável por sua conversão que estava com vergonha das próprias roupas, ao que a outra lhe ofertou algumas saias compridas já usadas.

Assim mudou seu modo de vestir-se, mas continuava usando suas joias. Depois deixou os adornos, mas continuava bebendo e com suas amizades do bordel. Até que leu um dia na Bíblia que “a luz não combinava com as trevas” e foi conversar com o

pastor sobre isso. Ele disse que era “o Espírito de Deus trabalhando na vida da Irmã”. Com isso, ela resolveu deixar as antigas amizades de lado.

Sobre a bebida, conta que, no dia em que parou de beber, bebera a noite inteira. Acordou cheia de dor, sem conseguir se mexer. Chorava muito. Queria sair da igreja porque, segundo ela, “não queria ficar escandalizando a obra de Deus”. Então reuniu forças, foi à igreja e ouviu uma pregação em que a pessoa que pregava dizia que Deus estava mandando dizer a uma irmã presente na igreja que ela não desistisse, que ela estava querendo deixar Jesus, mas para não se afligir, que Deus faria sua obra completa. E citou o salmo 42 da Bíblia, versículos 11 e 12: “Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele meu auxílio e Deus meu”.

“Hoje eu sou outra pessoa”, ela diz. “Quando fui para igreja eu não tinha nada; lá eu tive minha transformação”. Atualmente a Irmã fala em línguas estranhas, a língua dos anjos. É o fenômeno da glossolalia que apresenta a manifestação do Espírito Santo no corpo do crente.

O que salta à vista é a agência do Deus dos Evangelhos na vida da mulher prostituta como vetor de transformação. Podemos perceber que se trata de uma transformação gradual e que, para cada transformação em sua biografia, a voz do próprio Deus parece orientá-la, seja através de uma passagem bíblica, seja pelas palavras do pastor ou da profetiza.

Ao que parece, a missionária que fez com que a Irmã se convertesse estava certa. Deus queria as prostitutas também. “Ele veio para libertar”. Mas isso contrasta com as palavras citadas de Ezequiel sobre a ira de Deus diante da prostituição e não explica também, por si só, o acolhimento dos demais crentes quando ouvem o testemunho da Irmã na igreja. Em que termos se estabelece, neste contexto, o interesse pela figura da prostituta?

Eis que Samira, uma advogada evangélica da Assembleia de Deus, nos traz uma exegese, muito significativa entre os fiéis de sua igreja, e mesmo de outras denominações: nós vivemos a época da Graça. Significa dizer que estaríamos vivendo um tempo, predito pela Bíblia, em que “os pecados podem ser perdoados”.

A época da Graça trata-se do tempo entre a morte de Jesus e Sua volta, no juízo final. A morte do filho de Deus já teria sido o imenso sacrifício que alimentaria a ira do Deus Pai, em troca de todos os pecados humanos. Por isso, no tempo da Graça, o pecador ganha um novo lugar, um lugar especial, posto que provoca o exercício da Graça divina, de acordo com as leituras cristãs pentecostais do Novo Testamento. Daí que os desviados receberão grande atenção das igrejas evangélicas. E é neste contexto que a prostituta desponta como um dos objetos preferenciais de conversão dos crentes.

Samira contou-me uma história, quando perguntada sobre se ela achava que esta hipótese se verificava, no escopo da atuação dos crentes para conversão de pessoas às igrejas. Passo a transcrevê-la.

Jesus vai na casa de Pedro. E lá se encontra uma mulher prostituta: Maria Madalena. E como Jesus tinha expulsado os demônios de seu corpo, ela estava lavando os pés de Jesus com um perfume muito caro. Todos os fariseus, Pedro e os homens da casa pensavam: se ele soubesse que ela é prostituta não ficaria perto dela. Jesus então perguntou a Pedro: tenho uma parábola pra te contar. Havia dois servos que serviam ao seu Senhor. Ambos o serviam e deviam dinheiro a ele. Um devia cem e o outro mil. Contudo o Senhor perdoou a dívida de ambos. Jesus perguntou: Qual dos servos vai amar mais o seu senhor? Pedro disse: o que ele perdoou a dívida maior. E Jesus disse: isso mesmo. Você não me deu a recepção adequada, mas essa mulher não se cansa de lavar meus pés. Eu a perdoei de muitos pecados. Mas vocês se acham tão bons... Que fazem tudo certo, que cumprem os mandamentos, nem precisam de perdão de pecados. Os são não precisam de médicos. Mas sim os doentes.

Ela amava de verdade. Não se sentia digna do amor de Jesus. Era agradecida. Os outros queriam se mostrar. Meros cumpridores da lei. Mas o coração estava muito longe de Deus. Jesus era criticado por andar com beberrões e prostitutas, homossexuais... E Ele sempre dizia: eu vim para estes.

Um rapaz evangélico, filho de um pastor da Igreja Batista, disse-me: “se chegam duas pessoas aqui, uma com gripe e outra com câncer, você dá um chá e cura as duas. Você vai vibrar mais pela que se curou do câncer. A vitória será maior”.

A preferência pelos desviados tem uma justificativa teológica: provar-se-ia assim o tamanho da glória de Deus. Um Deus que veio para os caídos. Um “Deus do impossível”, como costumam dizer. Essa justificativa acomoda bem o interesse evangélico pelo mundano. Jungblut fala sobre a “[...] fascinação dos evangélicos pela mundanidade que os envolve. Fascinação que se expressa por certa avidez em se apropriar de tudo aquilo que, produzido para finalidades mundanas ou não religiosas, mostra-se simbólica e esteticamente sedutor, mobilizador de atenções, consumível em grande escala, racionalizador de esforços” (2007:145). No texto, o autor está se referindo à apropriação pelos religiosos evangélicos da mídia eletrônica e à ocupação da cena política partidária. Mas a citação pode conversar com nosso tema. Existe, de fato, um interesse dos evangélicos pela mundanidade. Pois o humano, o terreno fértil dos pecados e das redenções, é por excelência o lugar da escolha, do arbítrio em que o Diabo se manifesta com as suas seduções e é, finalmente, expurgado por Deus.

Estamos tratando aqui da teologia da Batalha Espiritual, alicerce das religiões pentecostais e neopentecostais, segundo a qual cada ser humano é palco da disputa entre Deus e o Diabo (Mariz 1999). E sendo o sexo fora do casamento, considerado por eles como pecado, há de compor os domínios das seduções diabólicas.

Mesmo o sexo feito no âmbito do casamento precisa cumprir certas regras. Um jovem contou-me que ouvira a pregação de um pastor que falava sobre as práticas do

sexo oral e anal, sobre se seriam ou não consideradas pecado. Concluiu o pastor em sua pesquisa dos Evangelhos que nada havia na Bíblia que autorizasse expressamente o sexo oral, mas que também não havia nenhuma passagem que o proibisse. Ficava então a cargo das negociações do casal. Já o sexo anal, poderia sim ser considerado pecado, conforme interpretara baseado em alguns trechos da Bíblia. “Deus te deu uma área de lazer tão limpinha, você vai querer ir brincar no esgoto?”, disse o pastor, convencendo através do riso os crentes na igreja.

Em *A Mulher Controlada pelo Espírito* (1981), de Beverly LaHaye, autora americana cujo referido título me foi recomendado pelo filho de um Pastor de uma igreja da Assembleia de Deus, há um tópico chamado “o sexo para a moça solteira” em que a autora procura trabalhar a questão da tentação sexual extraconjugal para a moça solteira, advertindo sobre a brevidade do ato sexual em contraste com a longa duração do sentimento de culpa, por se estar infringindo um dos mais caros mandamentos do Senhor (1981:39).

A culpa aparece aqui, para a moça convertida, como um regulador importante da conduta. Os impulsos sexuais podem ser diabólicos. Ou o Diabo pode usá-los para desvirtuar a crença do caminho de Deus, prescrito pela Bíblia.

Minha principal informante da pesquisa de doutorado, Giovana, fornece um exemplo importante de maneiras pelas quais a religião evangélica e a prostituição podem se articular. Giovana pertencia a uma família evangélica. O pai abandonou a mãe, quando ela ainda era pequena, por uma mulher que, segundo sua mãe, era prostituta. Ser prostituta, neste caso, configura uma categoria de acusação, talvez dentro daquele sentido mais largo de prostituição: como sexo fora do casamento. Entretanto, ainda que este uso faça referência a essa acepção do termo, não deixa de estar relacionado também ao seu uso mais estrito e comum, de prostituição como troca de sexo por dinheiro. Assim, a amante paira num limbo chamado “prostituição”, em que suas práticas sexuais podem facilmente deslizar para uma profissão semicriminalizada.

Giovana passou a trabalhar como prostituta quando fez 18 anos. Acreditava que a amante de seu pai, “uma mulher macumbeira”, lhe tinha lançado um feitiço, que fez com que ela se tornasse “garota de programa”. Aqui, a prostituição flerta com outro estigma e assume o contorno de feitiçaria.

Birman (2009) fala sobre uma afinidade entre o discurso político-midiático e o evangélico a respeito da diabolização de certos personagens e territórios da cidade. O “bandido”, assim como a prostituta, encarna esse mal. Mas, em relação a esses, os evangélicos têm antes uma postura salvacionista que criminalizante.

A acusação de feitiçaria está associada, no contexto da cidade, à constituição simbólica de certos espaços e reveste seus agentes constituindo suas pessoas, mas não de forma definitiva ou irremediável, para os crentes. Ao contrário, esses são espaços e

pessoas constantemente negociados, que podem e devem ser disputados e, finalmente, “ganhos para Jesus”. Segundo Birman (2009:322): “A conversão a essas igrejas, como sabemos, tem se dado principalmente entre os grupos sociais subalternos. São os indivíduos provenientes destes grupos que têm sido, ao mesmo tempo, testemunhas, vítimas e atores das reconfigurações das margens constantemente referidas à violência e à criminalidade e ao seu par religioso, a magia e a feitiçaria”.

Assim, a leitura cristã pentecostal e neopentecostal da Bíblia assinala uma preferência tácita pelos desviados de seus dogmas. Estes são, como assinala a autora, concomitantemente testemunhas e atores do avanço do pentecostalismo em seus meios. Especificamente a respeito do desvio do programa sexual *heteronormativo* com fins de reprodução, a tensão dos dogmas em relação à alteridade que se constitui pelas práticas sexuais resolve-se através da ideia de salvação, que comprova, quando eficaz, a verdade do próprio dogma.

Ser Puta nos Templos de Outrora e a prostituição como militância feminista

Segundo Batista (2011), há quatro fontes primárias utilizadas pelos historiadores para a investigação da “prostituição sagrada”: uma é o relato bíblico de Gênesis, a história de Tamar e Judá; outra, o relato de Heródoto sobre o templo de Milita e as mulheres babilônicas; também o relato do livro de Baruc sobre as canaítas, cujos corpos eram oferecidos aos deuses; e, ainda, alguns relatos de origem suméria que apontam, como funcionárias do templo, sacerdotisas que poderiam estar envolvidas com o sexo ritualístico.

A “prostituição sagrada” ou sexo ritualístico seria uma prática ligada à religião, na qual mulheres comuns e sacerdotisas (as “prostitutas sagradas”) teriam relações sexuais com quem as procurasse com objetivo de ser abençoado com fertilidade, seja para si, esposa, terras ou animais. Por essas relações sexuais, elas receberiam um pagamento, porém o pagamento seria oferecido à divindade ou ao templo (Batista 2011:5).

Também vale observar a definição de Bataille (2013:158): “Resta sempre que, num mundo anterior – ou exterior – ao cristianismo, a religião, longe de ser contrária à prostituição, podia regular suas modalidades, como fazia com outras formas de transgressão. As prostitutas, em contato com o sagrado, em lugares eles próprios consagrados, tinham um caráter análogo ao dos sacerdotes”.

Para muitos autores para quem não há nenhuma evidência histórica da instituição da “prostituição sagrada” (Lerner 1986; Rubio 1999; Budin 2008), essa ideia originou-se de erros de tradução das fontes e de interpretações enviesadas das possíveis práticas sexuais ritualísticas antigas. Esta possível confusão na interpretação pode ter resultado de uma leitura cristã do fenômeno, pois verifica-se aí a concepção

bíblica de prostituição em sentido alargado, de prostituição como sexo fora do casamento. No texto de Ezequiel citado na introdução, por exemplo, a referida meretriz era uma mulher que dava presentes a muitos homens para ter todos. Estas “suas prostituições” haveriam de ser castigadas como as da adúltera, por apedrejamento.

Pode-se afirmar então, a respeito do conceito de prostituição, que sofreu um estreitamento histórico de sentido que talvez faça incomodar aos pesquisadores contemporâneos, quando utilizado em sentido alargado. Por isso eles negam que os cultos à deusa Ishtar, na Mesopotâmia, por exemplo, devam ser nomeados de prostituição.

Nickie Roberts, contudo, ex-stripper e autora do livro *As Prostitutas na História* (1998), afirma que a existência da instituição da “prostituição sagrada” tem um papel político importante de valorização do feminino, em suas buscas e lutas, diante de seus estigmas e fantasmas de contenção (Rago 2008). Pois a prostituição é um estigma que atinge mais às mulheres que aos homens. Rago afirma que “a prostituta” foi transformada em fantasma de contenção das mulheres quando do processo de urbanização em São Paulo, logo que a mulher começava a surgir no espaço público. A “mulher pública” assombrava e fascinava.

A abordagem de Roberts deixa entrever uma forma de tratar o sexo prostituído que enaltece a figura da prostituta. Entendida às vezes como estandarte da liberalização sexual feminina e da agência da mulher sobre o próprio corpo, a prostituta ocupa um lugar diverso daquele que usualmente se lhe atribui, de objeto de estigma e lugar da decadência moral. O que é ser prostituta nos templos de outrora não é nossa questão, mas como essa identidade é invocada no contexto atual, quais discursos mobiliza e a que contextos políticos serve?

Não queremos afirmar, contudo, que a ideia de “prostituição sagrada” anule o estigma. Queremos mostrar justamente a convivência de apreciações e apropriações tão diversas da noção de prostituição. A “prostituta sagrada” de Bataille, por exemplo, é usada para fazer contraste com a prostituta da sua sociedade, não estando, o peso do estigma, de forma alguma ausente na concepção do autor.

Considerada ao lado da moderna, a prostituição religiosa nos parece alheia à vergonha. Mas a diferença é ambígua. Não era na medida em que a cortesã de um templo guardava, senão o sentimento, a conduta da vergonha, que ela escapava da decadência da prostituta de nossas ruas? A prostituta moderna se gaba da vergonha em que está atolada. Chafurda nela cinicamente. É alheia à angústia sem a qual a vergonha não é experimentada. A cortesã tinha uma reserva, não era votada ao desprezo e pouco diferia das outras mulheres. Seu pudor devia se emborstar, mas mantinha o princípio do primeiro contato, que quer que uma mulher tenha medo de se entregar, e que o homem exija a reação de fuga da mulher (Bataille 2013:158).

A “reserva” que provoca a “fuga da mulher” estaria ausente na prostituta dos dias de Bataille, sendo esta uma “virtude” esperada nas mulheres. A suposta falta de vergonha coloca a prostituta à beira da animalidade, “chafurdando” em alguma coisa, como os porcos.

No entanto, a noção de “prostituição sagrada” pode ser evocada por certo feminismo que argumenta a favor do entendimento do trabalho sexual como profissão, quando a prostituta passa a ocupar o lugar “do agente mais subversivo dentro de uma ordem social sexista” (Piscitelli 2013:37). Revelaria, desta forma, o caráter construído do estigma.

Conclusão

Para além da óbvia reprovação social, a prostituição pode ser apropriada como elemento de uma história de vida que confirma as verdades religiosas pentecostais, ou pode ser entendida como sagrada, consoante certos segmentos do feminismo que procuram ver na profissão uma imagem positiva. Dependendo da abordagem, a positividade dessa imagem poderá ser associada à agência das mulheres, à autodeterminação de seus corpos e práticas sexuais e profissionais e até à sacralização de uma “alma” feminina essencializada, constituída de beleza, sexo, carinho, sedução, prosperidade e maternidade.

Este lugar problemático ocupado pela prostituição demonstra as controvérsias relacionadas à sexualidade e às identidades de gênero na nossa sociedade. As camadas morais que recobrem este objeto são várias e possuem diversas orientações. Pode-se apenas constatar que se trata de um objeto, moralmente, não trivial. Seja pelo peso do estigma, seja pela qualidade de sacralidade que se lhe atribui em contextos específicos.

A prostituição mobiliza dicotomias como virtude e luxúria, pecado e santidade, repressão e liberação, mas não só dicotomias, também certos jogos políticos e sistemas morais e religiosos mais complexos e nuançados. Que sujeitos são objetivados neste processo? Qual é a margem que ele delimita de sexualidades possíveis, normais e desviantes?

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA DE ESTUDOS PENTECOSTAL. (1995), Rio de Janeiro: CPAD.
- BATAILLE, Georges. (2013), *O Erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- BATISTA, Keila Fernandes. (2011), “Debate Historiográfico Acerca da Ideia de ‘Prostituição Sagrada’ no Antigo Crescente Fértil”. *Revista Vernáculo*, n° 28: 187-213.
- BIRMAN, Patrícia. (2009), “Feitiçaria, Territórios e Resistências Marginais”. *Mana*, vol. 15, n° 2: 321-348.
- BUDIN, Stephanie Lynn. (2008), *The Myth of Sacred Prostitution in Antiquity*. New York: Cambridge University Press.

- CUNHA, Christina Vital da. (2008), “‘Traficantes Evangélicos’: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas”. *Plural Revista de Ciências Sociais*, vol. 15: 23-46.
- _____. (2015), *Oração de Traficante – uma etnografia*. Rio de Janeiro: Garamond.
- CORTÊS, Marina. (2014), “O Mercado Pentecostal de Pregações Testemunhos: formas de gestão do sofrimento”. *Religião & Sociedade*, vol. 34, n° 12: 184-209.
- DABHOIWALA, Faramerz. (2013), *As Origens do Sexo: uma história da primeira revolução sexual*. São Paulo: Globo.
- JENKINS, Keith. (2004), *A História Repensada*. São Paulo: Contexto.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. (2007), “A Salvação pelo Rock: sobre a ‘cena underground’ dos jovens evangélicos no Brasil”. *Religião & Sociedade*, vol. 27, n° 2: 144-162.
- LAHAYE, Beverly. (1981), *A Mulher Controlada pelo Espírito*. Minas Gerais: Editora Betânia.
- LERNER, Gerda. (1986), “The Origin of Prostitution in Ancient Mesopotamia”. *Signs*, vol. 11, n° 2: 236-254.
- MACHADO, Carly Barboza. (2014), “Pentecostalismo e o Sofrimento do (Ex-)Bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n° 42: 153-180.
- MAFRA, Clara Jost. (2002), *Na Posse da Palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- MARIZ, Cecília. (1999), “A Teologia da Batalha Espiritual: uma revisão da bibliografia”. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n° 47: 33-48.
- PISCITELLI, Adriana. (2013), *Trânsitos – brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- RAGO, Margaret. (2008), *Os Prazeres da Noite – prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra.
- ROBERTS, Nickie. (1998), *As Prostitutas na História*. São Paulo: Rosa dos Tempos.
- RUBIO, Gonzalo. (1999), “Vírgenes o Meretrices? La prostitución sagrada en el Oriente antiguo”. *Gerión*, Madrid, n° 17: 129-148.
- TEIXEIRA, César. (2011), “De Corações de Pedra a Coração de Carne: algumas considerações sobre a conversão de bandidos a igrejas evangélicas pentecostais”. *DADOS*, vol. 54, n° 3: 449-478

Notas

- ¹ Estas foram: Igreja Batista Amor e Vida e duas Assembleias de Deus, de diferentes ministérios.
- ² Todas as entrevistas aqui utilizadas foram realizadas entre dezembro de 2015 e fevereiro de 2016.

Recebido em março de 2016.
Aprovado em fevereiro de 2017.

Natânia Lopes (natania.lopes@gmail.com)

Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Resumo:

“Prostituição Sagrada” e a Prostituta como Objeto Preferencial de Conversão dos “Crentes”

Pretende-se mostrar a complexidade da “prostituição”, enquanto fenômeno social, especificamente em suas relações com a religião, em dois contextos: na instituição histórica da *prostituição sagrada* e no caso das prostitutas convertidas ao pentecostalismo nos dias de hoje. A intenção é perceber como a “prostituição” e a figura da “prostituta” acumulam camadas de sentido distintas, distantes e até paradoxais. Desta maneira, sua rica constituição não será bem traduzida se se concebe o fenômeno de forma achatada ou simplificada, como atividade/identidade moralmente condenada. As religiões, enquanto matrizes morais, orientam construções de sentido a respeito da prostituição que extrapolam este entendimento da condenação moral. Respalhada em fontes de múltiplas naturezas (históricas, teológicas, etnográficas), indico formas pelas quais acontece esta apropriação religiosa do tema.

Palavras-chave: “Prostituição sagrada”, prostituta, (neo)pentecostal, moral.

Abstract:

“Sacred Prostitution” and the Prostitute as the Preferential Object of Conversion of “Protestants”

We intend to show the complexity of “prostitution”, as a social phenomenon, specifically in its relations with religion, in two contexts: in the historical institution of *sacred prostitution* and in the case of prostitutes converted to Pentecostalism nowadays. The intention is to understand how “prostitution” and the figure of the “prostitute” accumulate distinct, distant and even paradoxical layers of meaning. In this way, its rich constitution will not be well translated if you conceive this phenomenon in a flat or simplified form, like a morally condemned activity/identity. Religions, as moral matrices, guide constructions of meaning regarding prostitution that extrapolate this understanding of moral condemnation. Based on sources of different natures (historical, theological, ethnographic), I indicate ways in which this religious appropriation of the theme takes place.

Keywords: “Sacred Prostitution”, prostitute, (neo)Pentecostal, moral.